



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas  
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático 7 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos

## **CRIANÇA E INFÂNCIA: MAPEANDO A PRODUÇÃO ACADÊMICA NO GT 7 DA ANPEd E DO EPENN NOS ÚLTIMOS 7 ANOS.**

**Iunaly Felix de Oliveira – UFPE/CAA**

### **RESUMO:**

Este artigo é um recorte de uma pesquisa em andamento e se refere ao mapeamento da produção acadêmica, verificada nos trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPEd e do EPENN (período de 2005 a 2011), cujo objetivo se define por compreender como são pensadas a criança e a infância nessas produções. Para situar a perspectiva na qual se insere a reflexão aqui proposta, partimos da problematização da própria noção de infância, com base em Sarmento e Gouvea, 2008; Kohan, 2008 e Sarmento, 2005. Desse modo, procedemos à leitura e análise dos trabalhos que assumiam sua concepção de criança e de infância, evidenciando suas posições. As análises desse levantamento indicam que apesar do fortalecimento das discussões sobre uma outra visão da criança e de sua infância, ainda persistem concepções e ações que vinculam a infância a uma etapa da vida, de modo que as crianças são tomadas pela passividade e incapacidade. Diante dos resultados assumimos o desafio de contribuir com o debate, com base nos pressupostos de uma afirmação da infância.

**PALAVRAS-CHAVE: Pesquisas; criança; Educação Infantil; infância.**

## **Introdução**

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo está voltado para a análise das práticas discursivas<sup>1</sup> dos professores dos Centros Municipais de Educação Infantil em Caruaru – PE concernente ao modo como eles entendem a criança, sua infância e as práticas na educação infantil.

Salientamos que esse recorte é resultado de um trabalho exploratório realizado através do mapeamento na ANPEd (Associação Nacional de Pesquisadores em educação) – fazendo referencia especificamente ao GT 7 “Educação de Crianças de 0 a 6 anos” no período de 2007 a 2011. De forma complementar, o levantamento aqui descrito inclui também o mapeamento do Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN) através dos arquivos em CD-ROM das 4 últimas reuniões (2005, 2007, 2009 e 2011). Nosso recorte está voltado para os trabalhos de comunicação oral e pôster referente ao GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos.

Esse processo de análise dos trabalhos apresentados nos períodos delimitados foi de fundamental importância para a elaboração de nosso projeto de pesquisa, pois a ANPEd enquanto instituição de fomento e divulgação de resultados de diferentes campos disciplinares, nos deu a possibilidade de traçarmos um panorama que represente a produção nacional e com relação ao EPENN nas análises de seus trabalhos pudemos acompanhar especificamente as produções na nossa região sobre a temática em questão, e assim, nos situarmos frente aos debates que envolvem nosso objeto de interesse.

Cabe pontuar que a escolha pelo recorte temporal - de 2007 a 2011 – nos arquivos da ANPEd se deu pelo fato de supormos que a ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos, com a aprovação da Lei no 11.274/2006 que “Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade”(BRASIL, 2006), poderia influenciar a concepção de criança e infância presentes nesses trabalhos.

Sabemos que os discursos veiculados sobre o que é criança e infância tem ganhado uma atenção especial por parte dos que elaboram as políticas públicas para a

---

<sup>1</sup> Entendemos prática discursiva como um conjunto de regras, de enunciados que foram determinados num tempo e espaço e que representam uma função a ser exercida.

área da Educação como também pelos teóricos e estudiosos que dedicam suas produções sobre esse campo, passando a ser estudada e descrita por variados campos dos saberes. Mesmo possuidora de um caráter de inovação intenso, sabe-se, o quanto ainda carecemos de estudos que se voltem para pensar a criança e conseqüentemente sua infância de uma ótica diferente, com um novo olhar, abandonando a noção de infância atrelada a uma cronologia, a uma fase da vida e inscrevendo-a em uma categoria social da novidade, das diferenças e entendendo as crianças em suas especificidades e potencialidades.

Diante do exposto, acompanhamos o crescimento no interesse por desenvolver pesquisas que buscam construir uma compreensão sobre a concepção e os sentidos que são veiculados à criança e a infância. Nessa direção, nossa investigação tem como questão norteadora: como a criança e a infância estão sendo pensados nos trabalhos apresentados na ANPEd e no EPENN nos últimos 7 anos?

Nosso objetivo geral é compreender como a criança e a infância são pensadas nos trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPEd e do EPENN, de modo a evidenciar o crescimento no interesse em tematizar essas questões. Para tal buscamos de modo mais específico analisar a concepção de criança e de infância presente nessas produções, assim como perceber a indicação teórica e metodológica que subsidiaram tais trabalhos.

Realizamos uma leitura detalhada ano por ano de todos os trabalhos disponíveis no portal da Anped, os quais foram localizados por consulta via internet realizada entre os meses de agosto e novembro de 2011. O material coletado inclui os trabalhos de comunicação oral e pôsteres aprovados e apresentados nas reuniões anuais. Procedemos de igual forma com os arquivos em CR-ROM do EPENN, selecionando os trabalhos de comunicação oral e pôster referentes ao GT 07.

Na organização do presente artigo, partimos da problematização da noção de criança e infância e apresentaremos um mapeamento de como vem sendo abordado a criança e a infância nas produções acadêmicas dos eventos acima citados.

## **Desenvolvimento**

Durante muito tempo a visão que se tinha das crianças e de sua infância esteve atrelada a estudos de natureza psicológica preocupada em explicar seu desenvolvimento cognitivo, sua saúde (o que poderíamos chamar de puericultura) tomando a criança por

objeto e classificando-as como seres biopsicológicos ignorando seu caráter de atores sociais produtores de cultura e sendo por ela produzidos. Como consequência dessa perspectiva biologizante da infância, a importância das relações indivíduo-sociedade e o pertencimento à cultura de origem foram negados e a visão da infância como etapa cronológica enaltecida, ou seja, “a idade foi pensada como categoria substantiva, em que os processos sócio-históricos apenas influenciariam o curso de um desenvolvimento definido por uma maturação das estruturas internas” (SARMENTO; GOUVEA, 2008, p. 07).

Historicamente vê-se que as alterações sociais e econômicas, visíveis na própria concepção de sociedade, educação e sujeito, influenciam diretamente na concepção de criança e de infância. Assim, poderemos ter em função da condição social, do contexto em que vivem e do campo disciplinar de interesse, várias expressões que distinguem as crianças e definem de certa forma seu espaço e lugar no meio social.

Apesar da intensa mobilização (de pesquisas, estudos, propostas de ação e desenvolvimento de políticas públicas) que há em torno da criança e da infância, do ponto de vista de estudiosos, teóricos e profissionais envolvidos com esse mundo infantil, nos damos conta de que há disparidades de posições em relação a esse sujeito. Comungamos nesse aspecto com Pinto (1997, p33) que a respeito dos discursos que circulam sobre a concepção de criança nos diz

Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da protecção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.

Atualmente assistimos a diferentes discursos que configuram as novas dimensões dos estudos relacionados à infância. Os diversos campos de saber dialogam e tomando por foco a infância enquanto categoria social e as crianças como membros ativos da sociedade, sujeitos importantes na história, alteram o lugar de passividade e receptividade das crianças em relação às pesquisas realizadas “sobre” e “para” a infância, situando-as num lugar para a autoria e a emergência de perguntar sobre o que elas têm a dizer sobre si mesmas.

Assim sendo, reelaboram e reconfiguram as abordagens teóricas, metodológicas e epistemológicas que norteiam as investigações sobre a infância. Se na era clássica

prevalecia a ideia da infância enquanto negação, observamos hoje uma perspectiva que faz o caminho inverso: o da afirmação da infância.

### **Mapeando a produção acadêmica do GT 7 da ANPEd**

Identificamos no nosso levantamento 100 trabalhos –no período delimitado - sendo 84 orais e 16 pôsteres. Após as leituras, comparações, classificações e interpretação dos trabalhos e considerando nosso interesse por perceber como a criança e a infância é pensada nessas produções, afunilamos nosso mapeamento com um total de 26 trabalhos – 01 pôster e 25 orais.

Por outro lado, reforçamos que os outros trabalhos não incluídos nesse levantamento tinham como maiores preocupações as atividades desenvolvidas com as crianças, a proposta pedagógica em curso, a organização dos espaços e materiais e a formação dos professores (ou falta dela) que atuam na educação infantil, sem deixar claro qual a imagem da criança e da infância que adotavam ou explicitar em que base epistemológica se ancorava que davam pistas para identificar como concebiam a criança e sua infância.

No contexto dos trabalhos analisados, identificamos que a concepção de criança e de infância tem sido abordada, em grande maioria (11 trabalhos), nos textos que se ocupam de pesquisas com crianças, ou seja, há um crescente reconhecimento da criança enquanto sujeito ativo, participante de seu processo de socialização e uma preocupação por parte dos pesquisadores em ouvi-las a fim de compreender melhor a criança e sua infância e para tal os autores discutem as categorias – criança e infância – do ponto de vista histórico. Dessa forma, aspectos históricos que contam como a criança e a infância estiveram em cena – principalmente no período da modernidade - são sempre solicitados através dos estudos de Ariés, Benjamim e Qvortup.

É necessário ressaltar que a abordagem teórica e metodológica escolhida pela maioria dos autores para embasar a discussão em torno das categorias apontadas anteriormente se ancora na perspectiva da Sociologia da Infância, seja para fundamentar a estratégia de ouvir as crianças, seja para assumir a posição de “superar uma concepção que identifica a criança como imatura, incompetente, inexperiente, em contraposição ao adulto pleno, e a infância como uma fase que precisa ser aligeirada e ultrapassada para atingir o paradigma adulto” (AMARAL, 2009, p. 01), como nos diz um dos autores dos trabalhos analisados.

Coadunando com essa reflexão, podemos inferir que a Sociologia da Infância se ocupa do caráter histórico e social da categoria infância, reforçando a diferenciação da infância face a adultez e contribuindo para novas conceitualizações que toma a criança e a infância a partir de seu próprio universo de referência indissociada de outras variáveis como gênero, classe social, etnia, etc.

Como estratégias de coleta de dados a maior parte das pesquisas com crianças fez uso da observação articulado com “conversas” com as crianças, no caso de uma pesquisa que atuou com os bebês foi utilizada a gravação em vídeo.

Agrupamos outros trabalhos num bloco em que o foco era as concepções dos professores acerca da criança e da infância. Todos os trabalhos (total de 5) desse bloco fizeram uso de entrevistas e a partir das falas dos professores os autores dos textos foram compondo as concepções. De modo geral, os autores afirmam que os sentidos que os professores por eles pesquisados atribuem a infância e a criança está diretamente relacionada ao modo como eles próprios viveram sua infância o que conseqüentemente vai influenciar a maneira como eles organizam suas atividades junto às crianças nas instituições de educação infantil. Sendo assim, a maior parte dos professores entrevistados vai relacionar sua concepção de criança e infância à função atribuída à educação infantil.

Diante dessa consideração, muitos autores fazem o confronto entre a imagem de criança e infância que defendem e para isso resgatam (a partir da contribuição de JAVEAU, ÁRIES, SARMENTO, KUHLMANN Jr) a concepção de criança e infância que acompanhou o período da Modernidade, trazendo também os novos significados surgidos na pós-modernidade, e a encontrada nos discursos dos professores que pesquisou.

Se para os autores das pesquisas a criança é considerada em suas especificidades, necessidades, interesses e expectativas, tratando-as como sujeito de direitos e produtores de cultura, para os professores por eles pesquisados a criança é entendida como um vir a ser adulto, como material a ser moldado. Por conseguinte a educação infantil é o espaço da infância e os professores seus guardiões.

Ao refletirmos acerca dessas posições relatadas nas pesquisas analisadas – a respeito da posição dos professores - que ainda vinculam a infância a uma temporalidade linear, a uma fase preparatória para a vida adulta, reafirmamos que nossa postura se alinha à perspectiva de uma inversão do olhar sobre a infância. Abandonando

a ideia de infância enquanto falta, exclusão, incapacidade, fragilidade, encaixando as crianças na categoria dos que não tem, não sabem, assumimos desse modo uma postura que pensa “a infância desde outra marca ou, melhor, a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação, como força e não como incapacidade” assim como nos propõe Kohan (2008, p. 41).

Os resultados das pesquisas analisadas nesse grupo que enfatizam o entendimento dos professores sobre a criança e a infância acabam por revelar uma visão adultocentrada de infância, ligada diretamente a uma fase preparatória para o mundo adulto e principalmente para a vida escolar que se inicia na educação infantil. Diante dessa consideração, nos cabe pensar como acontece o encontro entre a infância e a educação nas instituições de educação infantil em que os profissionais que ali atuam compartilham desse pensamento.

Acreditamos com isso que, nos espaços educativos destinados à infância ainda é comum presenciarmos o desenvolvimento de atividades escolares se configurando como uma escolarização precoce, ou seja, o cotidiano envolve

experiências que trazem para a pré-escola, especialmente, o modelo da escola fundamental, as atividades com lápis e papel, os jogos ou atividade realizados na mesa, a alfabetização ou a numeralização precoce, o cerceamento do corpo, a rigidez dos horários e da distribuição das atividades, as rotinas repetitivas, pobres e empobrecidas. (BUJES, 2001, p. 16 -17).

Com essas considerações podemos perceber que é de fundamental importância entender como os professores que atuam na educação infantil constroem seus significados sobre as categorias criança e infância, para que a partir desses dados possamos repensar as estratégias de formação (seja ela inicial ou continuada) e de organização dos espaços e atividades para a infância. Ao mudarmos o nosso olhar, a nossa maneira de pensar a criança e sua infância reconhecendo suas necessidades, especificidades e potencialidades, será possível organizarmos a educação infantil de modo a privilegiar o educar e cuidar, desde que as crianças e sua infância sejam afirmadas na novidade, na criação e na própria diferença.

É certo que historicamente, a tendência que acompanhou a organização da educação infantil estava associada primeiramente ao trabalho materno fora do lar e, portanto, um atendimento pautado na assistência. Porém com a efervescência de ideias sobre a infância que buscavam explicar/descrever as crianças, o interesse por educá-las,

formá-las foi alimentando uma tendência de educação infantil enquanto antecipação da escolarização dos anos seguintes.

Embora essa marca de educação infantil ainda persista em algumas realidades, o que as pesquisas atuais apontam é para uma reformulação na organização das propostas de educação infantil que deixem de lado a visão “escolar” do cotidiano dessas instituições que muitas vezes “toma como modelo as formas de trabalhar o conhecimento que herdamos do ensino fundamental” (BUJES, 2001, p. 20).

Não se trata de não ensinar nada as crianças menores de 6 anos, é função da educação infantil preparar as crianças para as etapas que seguirão, porém, essa preparação se refere a uma formação mais ampla, onde “é mais importante despertar nas crianças o interesse em ler, o prazer em escutar histórias, a satisfação em comunicar-se com os demais, do que já aprender alguns fonemas ou grafemas que correspondem à aprendizagem da leitura no primeiro grau” (ROCHA, 2011, p.378).

Um outro agrupamento que realizamos e que totalizou 8 trabalhos, estes se referem a estudos que procuraram analisar a concepção de criança e infância em obras específicas e esse fato foi o que nos levou a agrupá-los num mesmo grupo. Dentre os trabalhos selecionados há os que analisam a criança e a infância nas obras de Paulo Freire, do artista plástico Candido Portinari, nas páginas de publicidade da revista de circulação nacional VEJA, no documento do MEC Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e também no currículo do curso de Pedagogia em universidades federais.

As pesquisas desse bloco se caracterizam por um estudo de natureza documental e a maioria dos dados foi coletado através de endereços eletrônicos. De modo geral, os resultados encontrados por esses autores vinculam a infância a uma cultura do consumo, construindo uma nova imagem de criança na contemporaneidade na qual tudo se organiza conforme os interesses do mercado capitalista, por outro lado, a consideração da criança enquanto sujeito de direitos, enquanto cidadã encerra um ciclo sobre a visão da criança como incapaz, como dependente e anuncia perspectivas para “as infâncias” em diferentes contextos sociais.

A partir dessas análises, inferimos que a pluralidade de discursos referentes à abordagem da infância, constitui-se como condição essencial no conhecimento sobre essa categoria social e valorização do seu lugar na sociedade, levando em conta que ao se conhecer a infância de algum modo estamos também conhecendo a sociedade em que



se insere, ou dito de outro modo, pode-se afirmar que a sociedade é aquilo que propõe para suas crianças. É como diz Sarmiento (2005a, p. 370):

As crianças são *individuos* com a sua especificidade biopsicológica: ao longo da sua infância percorrem diversos subgrupos etários e varia a sua capacidade de locomoção, de expressão, de autonomia de movimento e de acção etc. Mas as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, raça, o gênero, a região do globo onde vivem.

Diante do exposto, consideramos a criança como esse sujeito social, individual, produtor de cultura que ao nascer insere-se num determinado contexto e por isso para compreendê-lo é necessário analisar as múltiplas relações que estabelece com o mundo a sua volta.

Os últimos 2 trabalhos selecionados dizem respeito a pesquisa de pesquisas, ou seja, procuraram analisar a concepção de criança presente nas produções acadêmicas. Um trabalho toma por foco as dissertações encontradas no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período de 1997 a 2003 e salienta que das 18 dissertações recortadas, as categorias criança e infância vem sendo pensadas de modo a superar a ideia de infância como determinada pelos aspectos biológicos, naturais, os quais se constituíram como hegemônicos durante muito tempo, no campo científico.

Nesse sentido destacamos que há uma mudança no referencial teórico adotado em que os conhecimentos de orientação histórico-cultural assumem o lugar dos saberes predominantes da Psicologia do Desenvolvimento e da Biologia, dessa forma a pesquisa aponta para a consideração da infância enquanto construção social e da necessidade de analisar a situação concreta das crianças.

O outro trabalho que se volta para análise de pesquisas se preocupa especificamente com aquelas que tomam as crianças como sujeitos ativos na investigação, dito de outro modo, o estudo em questão se dedica sobre os trabalhos apresentados na ANPEd (referentes ao GT 7) que fazem pesquisa **com crianças** no período compreendido entre 1999 e 2009 cujo foco se volta para as opções teórico-metodológicas adotadas nessas pesquisas.

Incluimos esse trabalho em nosso levantamento devido à consideração que o autor faz, pois segundo ele o procedimento metodológico adotado pelos pesquisadores revela a concepção de criança e infância dos mesmos. Através desse estudo,

conseguimos visualizar que há um crescimento no interesse em pesquisa “com crianças” e não apenas “para as crianças”, o que nos faz refletir numa nova compreensão sobre elas e conseqüentemente sobre sua infância.

Seguindo essa dupla possibilidade – de tomar as crianças como protagonistas em pesquisas e de entendê-las pela via da capacidade, do acontecimento – ressaltamos os estudos antropológicos, que representaram um salto qualitativo nas pesquisas sobre a infância, voltando o olhar para as crianças, apresentando um novo modelo analítico para entendê-las por si mesmas abandonando a visão *do adulto sobre as crianças*, marcando a diferença entre elas e os adultos e reconhecendo o conceito de criança atuante, o que segundo Cohn (2005, p. 28)

reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.

Em analogia com a perspectiva psicológica cuja criança era analisada como ser biológico, a antropologia procura uma compreensão da infância sobre seu próprio ponto de vista, entendendo-as em seus próprios termos.

Por fim, sinalizamos que a partir do presente levantamento, observamos que os resultados dos trabalhos selecionados apresentam uma preocupação com a condição do ser criança e viver a infância nos espaços da EI, além do mais apontam já para o reconhecimento das particularidades da infância e da importância desse reconhecimento na organização das rotinas de educação infantil.

### **Mapeando a produção acadêmica do GT 7 do EPENN**

Nosso levantamento feito nos arquivos dos CD-ROM do EPENN referente ao GT 7 culminou com um total de 186 trabalhos, sendo 144 comunicações orais e 42 pôsteres. Para atender aos nossos objetivos que se configuram pela compreensão de como são pensadas as categorias criança e infância nessas produções, recortamos 22 trabalhos (21 comunicações orais e 01 pôster).

A queda no número de trabalhos selecionados se deu pelo fato de que a maioria dos autores excluídos de nosso levantamento destinam suas produções a relatos de experiência, além de observarmos um grande número de trabalhos que se dedicam a experiência do brincar nas práticas de educação infantil, tratando desse tema isolado das

discussões em torno do ser criança e viver a infância. Dito de maneira diferente, os temas são tratados isoladamente, as investigações não relacionam seus interesses à discussão que há acerca da criança e da infância, pensando-os de forma desintegrada.

Chamamos a atenção para o fato de que muitos trabalhos tratavam de um tema bastante interessante para a dimensão da infância: a preocupação com as políticas públicas para a educação infantil. Embora reconheçamos a pertinência dessa vertente, pois as políticas contribuem para a afirmação da infância na medida em que são elas que poderão defender a criança enquanto sujeito de direito, pouco se encontra nos relatos e nas análises desses trabalhos um olhar articulado com a discussão em pauta sobre a concepção de criança e infância.

Faremos a discussão acerca dos trabalhos selecionados da mesma forma que procedemos com os dados dos trabalhos da ANPEd, agrupando-os por semelhança ao objeto de estudo.

Com relação aos temas abordados, foi possível perceber a predominância de estudos que procuravam ouvir os professores (7 trabalhos) sobre o cuidar e o educar, sobre suas concepções de criança, infância e sobre as práticas de leitura na educação infantil. Em relação ao recorte teórico-metodológico, a maior parte desses trabalhos baseou-se na Teoria das Representações Sociais para atender seus propósitos.

O conjunto de ideias relativas à infância e a criança que circulam e que são compartilhadas entre esse grupo de autores estão acompanhadas de perto pelo entendimento sobre a educação infantil, ou seja, os trabalhos que tomam os professores por sujeitos de pesquisa aliam as concepções de criança e de infância ao modo como a educação infantil deve ser organizada, demonstrando assim que, o desenvolvimento das práticas nas instituições de educação infantil reflete o entendimento que possuem os professores que atuam nesse nível de ensino.

Reafirmando essa tendência, reconhecemos assim como Corsino (2009, p. 04) que, para que a educação infantil se organize de modo mais qualitativo é preciso a junção de diversos fatores que garantam a melhoria na qualidade desse nível educacional e nesse processo o professor é uma figura importante. A autora salienta

A proposta de uma educação infantil de qualidade inclui uma série de fatores, que vão das políticas públicas para a infância às condições físicas dos equipamentos e materiais educativos. Inclui, ainda, a formação dos professores. São eles os responsáveis pela organização do tempo e do espaço institucionais, pelas propostas que resultarão em ampliações das experiências infantis, em produção e apropriação de

conhecimentos, bem como pelo estabelecimento de vínculos afetivos, pelo clima institucional e pelas inúmeras interações que a instituição favorece a crianças, adultos e comunidade.

De modo geral, esses autores recorrem aos estudos de Ariès, Kramer, Oliveira para embasarem seus conceitos. É interessante pontuar que, apesar do foco de alguns trabalhos não estarem voltados especificamente para o modo como os professores concebem os temas em destaque, os autores procuram deixar claro esses conceitos por assumirem a conexão entre os termos: criança – infância – educação infantil.

A coleta de dados de todos os trabalhos foi realizada através de entrevistas com variação de outras estratégias como a observação e o questionário. Um fato que nos chamou atenção durante a análise, diz respeito a um trabalho que objetiva identificar as representações sociais de professores de creches sobre a criança e a educação infantil, mas não discute essas categorias, nem assume sua posição sobre esses temas, trazendo apenas os resultados em relação aos professores pesquisados.

Em nosso levantamento também encontramos trabalhos que tratam de pesquisa com crianças. Cabe ressaltar que os 5 trabalhos que se dedicam a ouvir as crianças, assumem uma nova postura que começa a se apresentar com efervescência no campo científico que é fazer pesquisa com crianças. De objeto de pesquisa elas passaram a sujeitos, portanto, são ouvidas nas pesquisas como informantes legítimos e deixam de ser estudadas apenas na sua dimensão psicológica, pedagógica ou biológica.

Dessa forma, os autores optam por fazer em seu texto um resgate sobre os diferentes significados de ser criança em épocas e contextos variados, ancorados principalmente em estudos como os de Sarmiento, Cohn, Kuhlmann Jr e Quinteiro. Essa tendência é assumida pelas propostas da Sociologia da infância que consideram a participação das crianças como

um passo decorrente da construção de uma disciplina das ciências sociais que procura desconstruir a persistente afonia e invisibilidade das crianças nas investigações que ao longo do último século se foram multiplicando sob a égide de tentar compreender a criança, sem nunca considerar essa mesma criança enquanto elemento válido do processo, com voz e opinião acerca do mesmo. (SARMENTO, *et al*, 2005b, p. 06)

Assim, a imagem de criança expressada por esses trabalhos é a da criança como sujeito de direitos, ativos, capazes, construtora de conhecimento e de cultura que se expressa por meio de múltiplas linguagens.

Outro bloco com 5 trabalhos apresenta apenas um ensaio teórico, por se tratarem de projetos de pesquisa, sinalizando as bases teórico-metodológicas que se utilizarão nas investigações. Grande parte desses projetos terá como campo de investigação instituições de educação infantil, e por isso discute a história do atendimento à infância e conseqüentemente o lugar da criança e da infância no cotidiano dessas instituições, através de autores como Bujes, Ghiraldelli, Oliveira e Sarmiento.

A maioria desses autores afirma que a criança no sistema educacional que temos hoje é concebida como aluno e, portanto, as ações pensadas para ela se organizam como preparação para o ensino fundamental, sem levar em conta a opinião, as necessidades da própria criança e da educação infantil. De acordo com as palavras do autor de um desses artigos, é preciso repensar o conceito de criança que permeia as práticas da educação infantil, considerando as especificidades da criança. Criança essa, que, no processo de socialização das instituições escolares, é capaz de avançar em suas experiências, estabelecendo objetivos, modificando suas estratégias, fazendo escolhas, tomando decisões e assumindo papéis.

Nesse sentido, ao estabelecermos a relação de poder que ocorre entre os adultos e as crianças, principalmente quando se trata da educação infantil, recorreremos a Foucault (1996, p. 44-45) e suas reflexões sobre o poder disciplinar em que ele reconhece que esse poder é exercido em diferentes espaços sociais, inclusive nos espaços educativos, e assim sendo nos indaga

O que é, afinal, um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?

Pontuamos com isso, que a infância no espaço educativo observado por Foucault é uma figura tutelada, é a imagem de um sujeito que não é dono de si e, portanto, para tornar-se sujeito de si, precisa de outrem, precisa de uma educação que faça essa passagem, que distribua os “saberes e discursos” necessários para se chegar a esse ideal de sujeito.

Selecionamos ainda 4 trabalhos que se caracterizam como pesquisa de pesquisas. Os autores fazem um levantamento dos trabalhos apresentados nas reuniões anuais promovidas pelas entidades científicas Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

(SBPC), além do banco de teses e dissertações da CAPES. O foco dado por cada trabalho é diferente. Dentre as variações, destacamos as que procuram identificar os trabalhos que tomam as crianças como sujeitos interlocutores da pesquisa e ainda as que procuram analisar as concepções de criança e infância, cuidar e educar presente nas produções.

Observamos que a maior parte dos textos é desenvolvida em abordagens que reconhecem a criança como sujeito individual e social. Daí a recorrência por autores dos campos da sociologia da infância como Sarmiento e Pinto, além de estudos da área da história como Ariès e Corazza, desse modo, as pesquisas estão se propondo ao encontro entre educação e as outras áreas do conhecimento para abordar a infância e suas interfaces na sociedade contemporânea.

Confirmando essa perspectiva trazemos mais uma vez Sarmiento (*et all*, 2005b, p. 06) ao dizer

A Sociologia da Infância, ao assumir que as crianças são actores sociais plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem, considera as metodologias participativas com crianças como um recurso metodológico importante, no sentido de atribuir aos mais jovens o estatuto de sujeitos de conhecimento, e não de simples objecto, instituindo formas colaborativas de construção do conhecimento nas ciências sociais que se articulam com modos de produção do saber empenhadas na transformação social e na extensão dos direitos sociais.

Em seus resultados os autores apontam que há uma diversidade de ideias entre as pesquisas analisadas que variam entre a perspectiva da antropologia e da sociologia, porém sinalizam a mudança significativa na imagem que se faz da criança e de sua infância, em relação às primeiras iniciativas de pesquisa que voltavam o olhar para esse sujeito.

Por fim destacamos 1 trabalho que objetivou analisar as representações sociais de pais sobre a infância. Para tal, a autora faz um resgate sobre a relação família-criança a partir de Ariès e de Reis, acompanhando as mudanças na configuração familiar que influenciou o modo como os pais se relacionavam e acolhiam as crianças. Fez uso de entrevistas com pais de crianças que frequentam uma instituição de educação infantil e organizou seus resultados em duas categorias: a) a infância como direito de ser criança; e b) infância como período de conhecimento.

A partir dessas categorias, afirma que os pais reconhecem a infância como momento importante na vida dos filhos e encontram na instituição de educação infantil uma aliada no desenvolvimento das crianças.

Em suma, os trabalhos apresentados no EPENN se configuraram como importante meio de acesso as discussões em pauta na nossa região, cujo tema ainda se apresenta de forma tímida. Através da análise tivemos também a oportunidade de situarmos nosso objeto de pesquisa frente aos debates que já circulam no meio acadêmico.

### **Algumas considerações**

A título de conclusão, podemos afirmar diante dos resultados obtidos que há nos últimos sete anos um fortalecimento da discussão acerca da criança e da infância, com vistas à superação de visões pautadas numa infância etapista, onde as crianças são sujeitos passivos e sem voz.

De modo geral os trabalhos se referem à preocupação com o modo como professores, pais e até mesmo dispositivos legais expressam suas concepções sobre os temas em destaque. Evidenciamos também que a consideração da criança como interlocutor da pesquisa, foi frequente nos trabalhos analisados e nesse sentido, destacamos que as estratégias metodológicas utilizadas para a pesquisa com crianças trouxe contribuições pertinentes para o desenvolvimento de pesquisas com essa especificidade.

Como campo de pesquisa, destacamos que a criança e sua infância vêm sendo problematizadas com maior intensidade, fazendo circular ideias que venham a afirmar essa infância, a enxergar as crianças nas suas especificidades. Assim, consideramos a importância desses diferentes olhares sobre essas categorias para a ampliação de discursos que contribuam para o debate em torno da elaboração de políticas públicas, da reformulação na formação dos profissionais que atuam na infância e conseqüentemente em ações que privilegiem as potencialidades das crianças, valorizando-as pelo que já são e não pelo que virão a ser.

### **Referências**

AMARAL, A. C. T. (UFPR). O que é ser criança e viver a infância na escola: a transição da educação para o ensino fundamental de nove anos. In **32ª REUNIÃO**

**ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd)**, n. 07. 2009, Caxambu – MG. Anais eletrônicos... Caxambu, 2009. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/inicio.htm> >. Acesso em: 19 agosto. 2011.

BUJES, M. I. E. Escola Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Lei ° **11.274 de 6 de fevereiro**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/-Ato> 2004–2006/Lei/L11.274.htm. Acesso em 06 de outubro de 2011.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CORSINO, P. (org). **Educação Infantil?** Cotidiano e práticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KOHAN, W. O. Infância e filosofia. In: SARMENTO, M. GOUVEIA, M. C. (Org). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, Coleção Ciências Sociais da Educação.

PINTO, M. A infância como construção social. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. (org). **As crianças**: contextos e identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Universidade do Minho, 1997.

ROCHA, E. A. C. Educação e infância: trajetórias de pesquisa e implicações pedagógicas. In: ROCHA, E. A. C.; KRAMER, S. (org). **Educação infantil**: enfoques em diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011.

SARMENTO, M. GOUVEIA, M. C. (Org). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 - Coleção Ciências Sociais da Educação.

SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**. Campinas – SP. V. 26, n. 98, p. 361-378. Mai/Ago 2005a. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>>. Acesso em 02 de outubro de 2011.

SARMENTO, M.; SOARES, N.; TOMÁS, C. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. 2005b. Disponível em: [http://www.cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/InvestigaçãoDaInfancia.pdf](http://www.cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/InvestigaçãoDaInfancia.pdf) Acesso em 29 de setembro de 2011.